



DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: O QUE PENSAM OS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS – RS, BRASIL

**TESSMER, Mateus Germano Scaglioni¹ ; MIELKE, Grégore Iven²; RAMIS,
Thiago Rozales² ;MORAES, Bruna Pinheiro³**

¹Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Medicina. mateustessmer@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Ed. Física. thiago.ramis@yahoo.com.br;
gregore.mielke@yahoo.com.br

³Universidade Católica de Pelotas – Faculdade de Medicina. brunapmoraes@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, devido à grande melhora de sobrevida e qualidade de vida dos transplantados de órgãos, as indicações de transplantes e o número de pacientes procurando esta terapia cresceram significativamente (COELHO et al, 2005 e LUCEY, 2007). Isso resultou em um importante aumento no número de pacientes na lista de espera de até 70% durante a última década (SIMINOFF et al, 2001). Entretanto, a disponibilidade de órgãos é muito menor do que a demanda para transplantes.

A desinformação sobre temas básicos deste método terapêutico prejudica o seu desenvolvimento e provoca baixo índice de captação. Estudo realizado pelo Núcleo de Estudos em Ética em Pediatria-Brasil, foi constatado 61 (11,6%) óbitos com diagnóstico de morte cerebral no prontuário médico, de um total de 525 óbitos, porém apenas 6 (9,8%) foram doadores de órgãos (LAGO, 2007). Verificou-se ainda em uma pesquisa de base populacional no Brasil, também desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisas da UFPEL, que alguns indivíduos deixam de autorizar a doação de órgãos de seus familiares porque eles não aceitam ou não entendem o termo morte encefálica (TESSMER, 2007). Já com estudantes de medicina indicou que os principais motivos para não-doação foram por simplesmente não quererem doar (44,1%), medo (23,5%) e falta de informação sobre o assunto (11,8%) (GALVAO, 2007).

A escolha de universitários como população alvo para realização desta pesquisa justifica-se não somente por estes representarem um significativo número de doadores em potencial, como também pelo fato de esperar-se que a conscientização destes tenha reflexos positivos sobre a sociedade por serem considerados integrantes de uma classe mais esclarecida. Assim sendo, este trabalho teve por objetivo identificar a prevalência de intenção de doar órgãos em

uma amostra de estudantes universitários, definir quais são os principais motivos para não doação de órgãos e verificar o entendimento de morte encefálica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal no primeiro semestre de 2008 com alunos do primeiro ano da UFPel para avaliar hábitos de vida relacionados à saúde. Para selecionar a amostra, realizamos um levantamento da relação de cursos, segundo o Departamento de Registros Acadêmicos (DRA-UFPEL), conforme as cinco áreas dos cursos de graduação, que são: Ciências Agrária, Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Ciências Humanas e os cursos do Instituto de Letras e Artes. A fim de obter-se uma amostra representativa e equivalente de cada área de estudo, sortearam-se alguns cursos de maneira aleatória, totalizando dezesseis cursos. Foram incluídos somente os alunos matriculados conforme o colegiado de curso e presentes em sala de aula no dia da entrevista. Fizeram parte da amostra final 485 estudantes.

A coleta de dados foi realizada com questionários auto aplicados em sala de aula onde os acadêmicos respondentes eram instruídos e esclarecidos sobre as questões. O tempo médio de aplicação do questionário foi de 20 minutos. Os questionários eram anônimos e os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Foram utilizadas perguntas diretas sobre a intenção dos estudantes de doar seus órgãos, os motivos pelos quais as pessoas não eram doadoras e, também, duas perguntas iguais, com exceção da substituição da palavra morte por “morte encefálica”, para avaliar o conhecimento e aceitação dos indivíduos em relação ao termo morte encefálica.

Os dados foram todos duplamente digitados no programa Epi-Info, versão 6.0. As análises dos dados foram realizadas no programa estatístico Stata, versão 10.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas recebendo aprovação sob protocolo nº 022/2008.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 apresenta uma descrição de algumas características socioeconômicas, demográficas e biológicas da amostra. A média de idade dos universitários foi de 22,55 anos (DP = 0,33 anos) [IC95% 21,90 – 23,21], sendo a idade mínima 17 e máxima 67 anos. A maioria dos estudantes eram brancos (88%), do sexo feminino (54%), moravam com os pais ou parentes (67%) e eram solteiros (85%).

Quando questionado aos alunos se eles tinham a intenção de doar seus órgãos após a morte 65,06% (n=311) responderam que sim. Referente à autorização da doação de órgãos de familiares, a maioria 87,14% (n=420) autorizaria a doação, após a morte do familiar quando se sabia a intenção do familiar quanto à doação de órgãos. Entretanto, quando foram utilizadas as palavras “morte cerebral” como morte, dentre os alunos que responderam positivamente à questão anterior, 11,69% (n=11) não autorizariam a doação mesmo conhecendo a vontade do familiar, 21,43% (n=90) mostraram-se indecisos e 0,48% (n=2) não responderam (p<0,001). Dessa forma, apenas 60,33% (n=289) do total de alunos manifestaram a intenção de autorizar a doação, quando conheciam a vontade do parente quando utilizado a palavra morte cerebral ao invés de morte. Quando o tema não havia sido discutido

previamente entre as parte, apenas um terço dos respondentes 34.59% (n=165) autorizaria a doação quando o familiar estivesse com diagnóstico de morte encefálica.

Em outro momento, quando foi questionado para esses indivíduos quais eram os motivos para que as pessoas não doem seus órgãos após a morte, 28,31% responderam “desconhecimento do tema”, 23,29% responderam “não quer ter o corpo mutilado”, 18,95% responderam “medo de não estar morto” e 9,59% responderam “não acredita no sistema de saúde (médicos)” (tabela 2).

4. CONCLUSÕES

Constatou-se que 65% dos estudantes têm a intenção de doar seus órgãos. Quanto à intenção de autorizar a doação dos órgãos dos seus parentes, ocorreu um decréscimo quando a palavra morte foi substituída por “morte cerebral”, sugerindo que alguns universitários não entendem ou aceitam este termo. Dessa forma, estratégias educacionais mostram-se essenciais, já que o entendimento desta expressão é fundamental para acréscimo no número de doadores.

Tabela 1. Amostra estudada conforme variáveis relativas aos universitários.(n=485)

Variáveis	N	%
Idade (anos)		
<20	204	42,32
20 a 25	197	40,87
>25	81	16,80
Cor da pele		
Branca	424	87,78
Não branca	59	12,22
Sexo		
Masculino	220	46,12
Feminino	257	53,88
Situação conjugal		
Casado (a) ou mora com o (a) companheiro (a)	66	13,75
Solteiro	408	85,00
Separado (a) ou desquitado (a)	5	1,04
Viúvo (a)	1	0,21
Moradia		
Com pais ou parentes	320	66,81
Pensionato, república ou casa de estudantes	20	4,18
Casa/apartamento dividido	62	12,94

com amigos (as)		
Sozinho (a)	33	6,89
Outro	44	9,19

Tabela 2. Opinião dos universitários sobre o que pode levar as pessoas a não doar seus órgãos após sua morte.

	N	%
Desconhecimentos do tema	124	28,31
Não quer ter o corpo mutilado	102	23,29
Medo de não estar morto	83	18,95
Não acredita no sistema de saúde (médicos)	42	9,59
Egoísmo	38	8,68
Religião	35	7,99
Outros	14	3,20
TOTAL	438	100

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, J.C.U., PAROLIN, M.B., BARETTA, G.A.P., PIMENTEL S.K., FREITAS, A.C.T., COLMAN, D. **Qualidade de vida do doador após transplante hepático intervivos.** Arq Gastroenterol. 2005;42:83-8.
- GALVAO, F.H.F. et al. **Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos.** Rev. Assoc. Med. Bras., Out 2007, vol.53, no.5, p.401-406.
- LAGO, P.M., PIVA, J., GARCIA, P.C., TROSTER, E., BOUSSO, A., SARNO, M.O., et al. **Brain death: medical management in seven Brazilian pediatric intensive care units.** J Pediatr (Rio J). 2007;83(2):133-140.
- LUCEY, M.R. **Liver transp.lantation for alcoholic liver disease: Past, present, and future.** Liver Transpl. 2007;26:190-2.
- SIMINOFF, L.A., GORDON, N., HEWLETT, J., ARNOLD, R.M. **Factors influencing families' consent for donation of solid organs for transplantation.** JAMA 2001: 286-71.

TESSMER, C.S., ARAUJO, C.L., COSTA, J.D., HALLAL, P., BÖHLKE, M., BARCELLOS, F.C. **Do people accept brain death as death?** A study in Brazil. [Prog Transplant](#). 2007 Mar;17(1):63-7.